

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Bacharelado em Psicologia

Júlia Meinhardt Cardozo

Entre linhas, papéis e palavras:
encontros no GerAção POA

Porto Alegre
2022

Júlia Meinhardt Cardozo

Entre linhas, papéis e palavras:

encontros no GerAção POA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Rosane Azevedo Neves da Silva

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Meinhardt Cardozo, Júlia
Entre linhas, papéis e palavras: encontros no
Geração POA / Júlia Meinhardt Cardozo. -- 2022.
42 f.
Orientadora: Rosane Azevedo Neves da Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Psicologia, Bacharelado em Psicologia, Porto
Alegre, BR-RS, 2022.

1. Psicologia. 2. Geração POA. 3. Cartografia. 4.
Oficinas em Saúde Mental. I. Azevedo Neves da Silva,
Rosane, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Júlia Meinhardt Cardozo

Entre linhas, papéis e palavras:

encontros no GerAção POA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Rosane Azevedo Neves da Silva

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Rosane Azevedo Neves da Silva
Instituto de Psicologia UFRGS

Profa. Analice de Lima Palombini
Instituto de Psicologia UFRGS

AGRADECIMENTOS

À Matilde, por ser minha mãe e escolher ser minha companheira de vida.

À Duda, pela sensibilidade que lê os cotidianos e as palavras.

Ao Manoel, por se deixar emocionar.

Aos meus avós, Eda Maria e Tarcício, pelo amparo e incentivo constante aos meus estudos.

À Maitê, por acreditar na criança que vive em mim.

À Bia, por ser minha cúmplice.

À Desi, por ser uma grande inspiração.

À Marielva, Miriam, Maria Liz e Gustavo, por me apresentarem às linhas, agulhas e ao som do bandoneon.

À Eneida, por ter despertado a tecelã ancestral que mora em mim.

Ao Rafa, Gui e Ana, pelo amor revolucionário que temos uns pelos outros.

À Maria, que ao me contar sonhos com casas, construiu uma para si nos meus olhos.

À Luli, pelas incontáveis vezes que me pegou pela mão e me fez lembrar quem eu sou e posso ser.

À Marcella, por trazer consigo histórias que me fazem pensar em outros mundos.

À Alice, pela amizade que o tempo só fortalece.

À Tanise, por emprestar seu vazio para que tantas pessoas criem com ele.

À Júlia e à Débora, por serem tão acolhedoras com os meus devaneios.

À Adri, Kátia e Aline, pela ética com que inventam seus cotidianos.

Ao coletivo AT na rede, especialmente à Vera e à Analice, por forjarem uma docência tão generosa e acolhedora com as mais diferentes histórias de vida. Vocês mudam o curso dos ventos.

À Rosane e ao grupo de pesquisa SuL, por acompanharem pacientemente meus passos e tropeços enquanto pesquisadora e estudante.

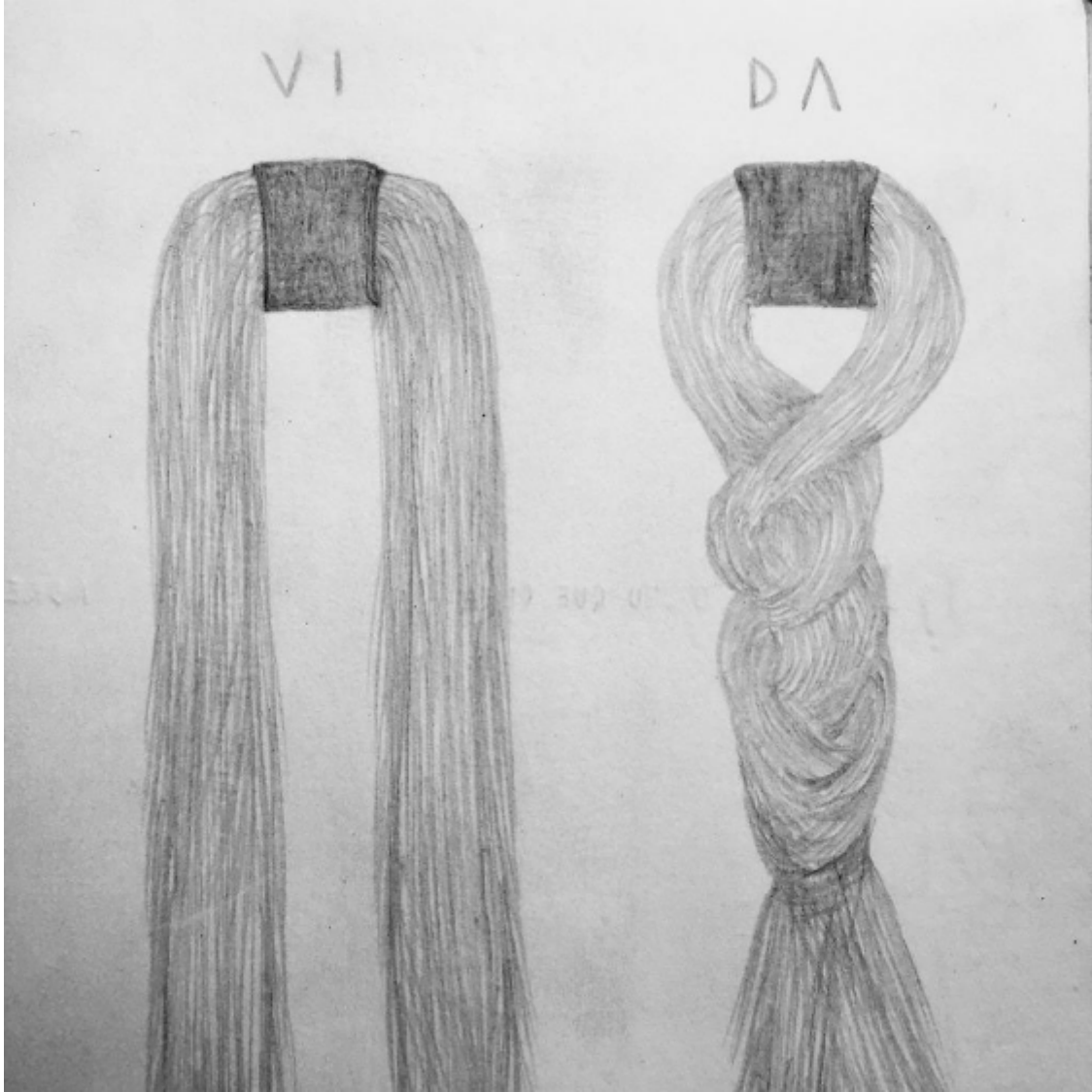
Ao Dani, por não me deixar sozinha.

À Cris, por acreditar na potência dos primeiros detalhes, rastros e miudezas que colhemos.

À Amanda, Laura, Pedro Augusto, Juliana e Raquel, por serem a certeza que tenho.

À Angélica, Rosa, Alcemira, Yasmin, Tania, Serginho, Leila, Jaqueline, Greice, Gislaine, Glória, Adriana, Giovana, Lucineide, Adão, Daniel, Diogo, Darcy, Paulo, Lucas, Dirceu, Leandro, Eduardo, Patrick, Marcelo, Alessandra, Milena, Davisson, Sérgio, Júlia, Gladis, Ninom, Cauê, Cristiano, Xyco, Elaine, Pedro, Eliana, Rita, Jorge, Bruna... e tantos outros oficinairos e oficinairas do GerAção POA, por entrelaçarem os *nós* que me fazem oficinaira-psicóloga. Ter tido a oportunidade de conhecer um pouco da história de cada um de vocês me faz acreditar que uma sociedade sem manicômios é possível e que só “conta história quem tem história pra contar”... e também que “segue o fio, segue a vida”... Seguiremos.

Diz a mãe: a vida faz-se como uma corda. É preciso trançá-la até não distinguirmos os fios dos dedos.



Panadés, 2014. “Desenho num caderno de 2014”. Grafite sobre papel.

RESUMO

Tomando como inspiração o método cartográfico, o presente trabalho é um ensaio onde faz-se ver algumas marcas do percurso de estágio da autora no GerAção POA – Oficina Saúde e Trabalho, um serviço da RAPS da prefeitura de Porto Alegre. Os cenários onde se desdobram as questões são as oficinas de papel artesanal e de bordado, onde a espera e o silêncio se atualizam na escuta, produzindo aproximações entre estas práticas e o dispositivo clínico-político do Acompanhamento Terapêutico.

Palavras-chave: GerAção POA. Oficinas em saúde mental. Acompanhamento Terapêutico. Cartografia.

ABSTRACT

Taking the cartographic method as inspiration, the present work is an essay where it shows some marks that were discovered by the author's internship course at GerAção POA – Oficina Saúde e Trabalho, a service provided by the the city of Porto Alegre RAPS, can be seen. The scenarios where the issues unfold are the craft paper and embroidery workshops, where waiting and silence are updated in listening, producing approximations between these practices and the clinical-political device of Therapeutic Accompaniment.

Keywords: GerAção POA. Workshops in mental health. Therapeutic accompaniment. Cartography.

SUMÁRIO

NÓ(S) DE INÍCIO	7
CASEADO: OFERECER ALGUNS CONTORNOS	12
BORDADO LIVRE NO PANO DE FRENTE	20
ALINHAVO: UM CONVITE AO PERCURSO PELA CASA DO GERAÇÃO	24
O QUE FAREMOS?	28
OFICINA DE PAPEL	29
OFICINA DE BORDADO	37
ARREMATE no avesso	46
REFERÊNCIAS	49

NÓ(S) DE INÍCIO

Conheci o GerAção no Mental Tchê em São Lourenço do Sul, era dia 17 de maio de 2019, lembro bem. Fomos apresentados um ao outro através do Dirceu que apontou para o desenho de uma casa de esquina serigrafada no seu avental e falou muito apaixonadamente do SUS, do seu trabalho no GerAção e do processo de fazer cada produto que estava exposto em cima de uma toalha laranja. Papo vai-e-vem, contei a ele que as folhas do meu caderno atual tinham acabado e procurava um para me acompanhar numa nova fase, já que eu havia passado no processo seletivo de transferência para a UFRGS. Ele me parabenizou com um abraço apertado e depois disso veio com duas opções: *“tu acha que tu é mais 100% SUS ou fim dos manicômios the end?”* *“acho que eu sou mais fim dos manicômios the end”*. Saí da banca encantada e fazendo um esforço para não esquecer daquela aula que o Dirceu tinha dado... Economia solidária, protagonismo do usuário, conselhos de saúde... Estava feliz com meu caderno embaixo do braço, gosto muito da simplicidade que as folhas em branco me convidam pro caos.

O abraço que demos também significou muito, lembro de ser uma das primeiras vezes que comemorei com alguém a vaga na federal. Para minha família a conquista da vaga era um alívio, já que meu acesso à universidade se deu pelo FIES. Lembro que, desde 2017, eu olhava com desespero a renovação dos contratos no sisFIES devido ao crescimento da minha dívida com a União. Apesar desse programa ter garantido meu ingresso à universidade, as condições de permanência foram escassas. Já pensei inúmeras vezes que provavelmente concluiria a graduação sem um emprego e tendo acumulado uma dívida que, até o momento, é impagável. No que diz respeito aos incentivos financeiros ao Ensino Superior, o investimento massivo dos governos neste programa de financiamento demonstra uma escolha, a construção de uma política que está aliada ao crescimento do capital privado e não à expansão da universidade pública, operando, assim, na contramão da democratização ao ensino.

Como política pública, o FIES promoveu avanços sociais e educacionais significativos. Todavia, ao mesmo tempo, promoveu prejuízos econômicos e sociais ao entregar ao mercado o controle da maior parte do Ensino Superior do País, bem como ao endividar jovens e suas famílias. (SANTOS, CHAVES, PAIXÃO, 2021. p. 13)

Na mesma medida do alívio, se delineava uma espécie de luto, já que os encontros com as professoras e amigas no início do percurso acadêmico constituíram afetivamente boa parte do que consigo ser. Achei que eu fosse me perder. Depois de um tempo eu entendi que as pessoas e os lugares não ocupam uma posição estanque na minha vida, tudo pode ser conjugado, misturado e intensamente habitado se assim eu quisesse - e o corpo andarilho foi indo.

O ano foi passando e aquele novo caderno foi sendo intensamente preenchido por palavras e desenhos. Toda vez que eu fazia o movimento de abrir ou fechar a capa, me lembrava do Dirceu e do GerAção. Vinha uma vontade de conhecer mais, estar perto de alguma forma, conhecer as vidas que sustentam esse serviço. Eu fiquei um tanto surpresa e incrédula depois do Mental Tchê - caramba, o GerAção existe. Que loucura. Como pode? Que absurdo lindo! Quero aprender como se faz caderno, será que tem como? Permanecia com essas perguntas como alguém que carrega um amuleto da sorte.

No início de agosto de 2019 o CAEP (Coletivo Acadêmico de Estudantes de Psicologia da UNISINOS Porto Alegre) começou a pensar na semana acadêmica. Este coletivo, composto majoritariamente por estudantes bolsistas da UNISINOS, reunia-se semanalmente para pensar as pautas que iríamos tensionar frente à instituição que por vezes insistia no tratamento da educação como mercadoria. Buscávamos, alicerçados nos princípios da autogestão, construir saídas possíveis às capturas que o mercado da educação tentava nos impor. As tentativas de construção de uma psicologia militante dentro da universidade privada era um desafio, visto que a lógica empresarial legitimava alguns movimentos que se propunham assépticos e distantes das lutas populares¹. Neste cenário, o coletivo buscava parceiros na cidade que pudessem somar à sua voz.

Era engraçado frequentar essas reuniões sobre a semana acadêmica. Não sabíamos a temática do evento, a configuração das salas ou tampouco quando seria, mas o convite para que o GerAção estivesse presente de alguma forma, deveria acontecer. Era a reverberação dos pequenos encontros que tivemos numa insistência de tecer algo.

¹ Disponível em: <http://reporterpopular.com.br/da-militancia-libertaria-na-universidade-privada-parte-1/> acesso em 08/03/2022.

Aí numa das tantas conversas entre um café e outro, eu e Maria pensamos em homenagear as palestrantes com algum produto do GerAção. Tudo muito abstrato, mas com muito desejo. Começamos a vasculhar as redes sociais e marcamos um dia para ir ao serviço conversar sobre as “nossas ideias”.

Acho que agora a história merece uma pausa. É preciso falar de amizade - ser amiga é o jeito que encontrei de estar no mundo, é o que guia minha ética - e não tenho como falar de amizade sem falar da Maria. Ela é uma amiga e um grande amor da minha vida. O nosso encontro é meio inexplicável e me irrita o direcionamento pobre que as palavras dão para o que sentimos e construímos. A Maria sustenta muitas loucuras comigo e me faz querer tantas mais. Ela me puxa para inventar, sentir e fazer. Valter Hugo Mãe, um escritor que a gente aprecia em comum, disse uma vez:

O paraíso são os outros, pequena Halla. [...] A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes. Dura pelo engenho que tiver e perece como um atributo indiferenciado do planeta. Perece como uma coisa qualquer.

No cenário infernal que se impôs com a pandemia, nosso companheirismo foi criando paraísos miúdos e temos ousado pensar em futuro.

Fomos, eu de ônibus e a Maria de bicicleta. A gente não sabia a dimensão e a potência de ter “nossas ideias”. Assim, literalmente, nós. CAEP e GerAção, Maria e GerAção, desenho da Maria serigrafado num caderno feito por mãos que tecem o cuidado em liberdade. Foi muito...

As ideias foram sendo escritas pela Aline num papel de rascunho e lápis preto, os palpites certos da Lucineide, o Dirceu empolgado com o desenho da Maria, um passeio pelo prédio e os abraços demorados. Depois desse encontro, eu e Maria saímos gritando e pulando pela rua Mariante, completamente empolgadas com o que nascia ali. Para além dos cadernos, se firmou uma parceria que colhe frutos até hoje.

A semana acadêmica foi linda, enchemos de cor e loucura aquele prédio cinza da Nilo Peçanha. A voz do Marlon cantando música gauchesca ecoou por todos os andares, aprontamos uma faixa colorida com guache e penduramos, apostamos corrida com as cadeiras de rodinha, dançamos embaixo de um

guarda-chuva mesmo fazendo sol, conversamos sobre luta anti-manicomial e organizamos alguns gritos que se transformam na nossa luta de hoje.

Para trazer mais um elemento que faz parte desses nó(s) de início, tendo dado alguns pontos e tentando esboçar um primeiro arremate, tanto para a equipe quanto para os usuários do AT na rede nos colocamos na roda falando do que nos territorializa, entendendo que os territórios são essas instâncias onde a vida possível acontece. Araújo (2005) afirma que

o território é a instância que garante um mínimo de constância à vida. Sem território se é lançado em um estado indiferenciado onde não se tem mais duração alguma. A vida, nessas condições, parece desabar, tudo se torna aleatório, turbulento, caótico. A cada passo que se dá não se encontra mais chão algum, nada há de se esperar, nada há para se reter. (p.106)

O projeto AT na Rede² foi onde eu me achei na UFRGS, foi quando aquele sentimento de que me perderia sumiu, por mais ambíguo que isso possa parecer - já que nos propomos a fazer o exercício de nos perdermos pela cidade ou inventar novos jeitos de estar nas paisagens que conhecemos. Me achei, me perdendo.

Apaixonei-me pelo fazer do AT e constituí uma lente pela qual passei a enxergar a rua, a cidade, a clínica, o cotidiano, a loucura e a amizade de um jeito singular, que conversa e faz muito sentido com o jeito que levo a vida. Passei a apostar mais na potência de colocar o corpo na rua, em movimento. A querer enxergar e forjar redes nos espaços para fortalecer vínculos - seja entre as pessoas ou das pessoas com os territórios. Esses movimentos que são possíveis a partir da criação de políticas da amizade, iam desparalisando algumas instâncias da vida dos meus acompanhados e também da minha, evidenciando nossas discordâncias e diferenças, colocando-as para habitarem a cidade e, tornando indissociáveis a clínica e a política. Sendo assim, “ser amigo nesse caso é dar à loucura um estatuto público que lhe é de direito, é ir à busca de um espaço que não é mais o da intimidade e sim o da organização social” (Araújo, 2005, p. 169).

² O Programa de Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública, vinculado ao Instituto de Psicologia da UFRGS, teve origem, em 1996, junto ao CAPS CAIS Mental Centro, da Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre, consolidando-se como projeto continuado de extensão universitária a partir de 1998, articulado à experiência de estágio curricular e a atividades de ensino e pesquisa. Disponível em:

http://www.ufrgs.br/ppgpsi/projetos/a-reinvencao-das-praticas-de-cuidado-nos-servicos-residenciais-terapeuticos-uma-escrita-de-si/files/programa_acompanhamento_terapeutico-1.pdf. Acesso em 4/03/2022.

A afetação corria solta e de forma mútua, com cabeças pensando em cuidado, liberdade e autonomia. Ricardo Wagner Silveira (2016), para afastar-se da concepção normativa da amizade e da clínica, nos ensina:

a construção do que chamaremos de dispositivo amizade-clínica que possa abalar os alicerces das concepções hegemônicas e institucionalizadas do que se entende por uma relação terapêutica e suas vicissitudes e que, além disso, possa levar à abertura para a experimentação de novas formas de relação entre terapeuta e paciente, mais especificamente, entre acompanhante e acompanhado. (p. 333-334)

Tudo isso aconteceu pela sustentação que os integrantes do projeto e a coordenação deram para as angústias que emergiram com a pandemia. É preciso falar disto, de uma formação em psicologia atravessada, rompida, interrompida, construída, forjada pelas linhas de força de uma pandemia mundial. Ainda não consigo espremer palavras que digam dos sentimentos que nascem quando me dou conta que fiz as duas ênfases em pandemia, por enquanto é um fato, um acontecimento. O som que embala estes dois estágios é a voz do jornalista que conta cotidianamente o crescente número de mortos. Em março de 2022, contabilizamos 650.578 mil mortes, mil amores de alguéns. Não é só um número.

No AT na rede fomos pensando coletivamente estratégias para criar cuidado à (com) distância e, por mais frustrante que seja a substituição das andanças por ligações telefônicas e encontros virtuais, acredito que a cidade se manteve como constância; ora como memória, ora como sonho.

Pensando que toda política pública do SUS é uma biopolítica e que a GerAção é 100% SUS como dizia a estampa do caderno, foi com estas memórias vivas que cheguei ao 10º semestre de psicologia tendo acompanhado o quê se produz neste serviço. Ver vida acontecendo, gerando, gestando, dá fôlego aos pulmões já calejados desse ar de morte que nos atravessa.

Sonho, ainda, com o dia em que nossos corpos se abraçarão de um jeito que dê pra sentir as batidas do coração, como acontecia naqueles tempos outros.

CASEADO: OFERECER ALGUNS CONTORNOS

“Quem escreve tece. Texto vem do latim, ‘textum’ que significa tecido. Com fios de palavras vamos dizendo, com fios de tempo vivemos. Os textos são como nós: tecidos que vão.” Eduardo Galeano

Eu não sabia que tinha um “estilo de escrita”, tampouco que conseguiria caminhar para ter um. Eu sabia que escrevia e as palavras iam me colocando noutra relação com a experiência. Escrever, de certa forma, me mantém viva, pensante. Eu só consigo sonhar quando escrevo. Escrever durante o período de estágio no GerAção foi um dos jeitos que encontrei para dar uma certa continência, contorno, àquilo que eu estava vivenciando. Era uma chamada que fazia a mim mesma para que os acontecimentos não virassem intensidades sem afecção, sem destinatário, jogados ao aleatório. A escolha de estar no GerAção foi uma construção de anos, de uma formação inteira quase, não poderia ser ao léu, tem que ser [vivi]da, escre[vida].

Algo me incomoda neste escrever em primeira pessoa. Me sinto vulnerável. Quando compartilhei alguns parágrafos do meu diário de campo num caderno de supervisão local que escolhemos para acompanhar nossa turma de estagiárias, eu lembro que suava frio e tremia. Tinha medo de que me achassem “viajandona”, por não saber se tenho argumentos para afirmar que sou mesmo.

Na periodicidade dos encontros de supervisão local e com o passear desse tal caderno por entre nós, lendo as escritas umas das outras, fui conseguindo ficar menos nervosa e me deliciar mais com esse jeito de fazer circular as palavras, os pensamentos e a vida. Passei a me preocupar constantemente em usar palavras coletivas, que da escrita desse “eu” pudesse ser visto o “nós” que o compunha. Que partisse da “primeira pessoa”, mas que pudesse ser criada a escrita em “quarta pessoa”.

O comum, agora, diz respeito a essa experiência coletiva em que qualquer um nela se engaja ou em que estamos engajados pelo que em nós é impessoal. Mesmo quando vivido, enunciado, protagonizado, emitido por

uma singularidade, a narrativa não remete a um sujeito. (PASSOS, 2009. p. 168)

Ali éramos quatro. Três estudantes de psicologia e uma psicóloga servidora pública. Eu, Débora, Júlia e Tanise.

Depois de um dos primeiros encontros de supervisão, onde nos deparamos com o desejo comum de escrever e compartilhar para buscar uma sintonia entre nós, resolvemos escolher da vitrine do GerAção um caderno onde as palavras poderiam correr soltas. Exibindo uma capa de papel kraft com uma serigrafia que diz: “Vivam a imaginação, pois ela é nossa realidade mais profunda” da Nise da Silveira, este caderno acolheu registros dos nossos percursos pela GerAção.

Pensei (e ri sozinha no ônibus quando me dei conta) que nessa aposta de fazer estágio em oficinas, pode-se dizer que nós criamos mais uma, a de escrita. Ou ensaiamos, tendo deixado nossos corpos serem contaminados pelo jeito de ser do GerAção, uma construção de uma supervisão local afinada, autogestionada, horizontalizada.

No final do ano de 2021, emocionadas com o nascimento do mapa de escutas da Débora - ao meu ler - uma síntese rizomática de um percurso clínico-afetivo, nos reunimos em roda mais uma vez, emocionadas. Não lembro muito sobre o que falamos naquele dia, eu já estava com sintomas de saudade da Débora. Em alguns dias ela se despediria e foi ela que me apresentou a casa do GerAção, cômodo por cômodo, oficina por oficina. Naquele momento, em silêncio, eu comecei a juntar os fragmentos deste primeiro percurso e pensei que dali a pouco eu poderia apresentar o GerAção para outra estagiária e que queria fazer de um jeito afetivo, carinhoso, acolhedor. De um jeito que a Débora me ensinou.



(sempre) começando pela esquerda: Tanise, Débora e eu.

Em seguida falamos sobre as escritas de finalização de semestre que eu e a Júlia havíamos elaborado. Enquanto a Júlia falava, fui me dando conta que as perguntas e colocações inseridas por ela em nosso caderno, muitas vezes foram motor desejante para que eu conseguisse escrever, amparada num pedido inicial da Tanise de habitar os questionamentos e os paradoxos. A partir disso, fomos criando comuns além-do-primeiro-nome. Naquele momento, em silêncio, eu comecei a juntar os fragmentos das primeiras trocas que tivemos. Pensei que ser colega dela é algo que me alegra e me dá segurança. De um jeito atento, comprometido, ético. De um jeito que anota à lápis - e usando muito a borracha [a memória é uma ilha de edição] - cada fagulha de acontecimento numa caderneta preta, de um jeito que a Júlia me ensinou.

Depois foi minha vez de entrar na roda. Escolhi falar da construção de uma personagem-navegante que havia criado para contar dos encontros com a oficina de bordado. É uma oficina que estava preenchendo quase todos os meus dias no GerAção e aicineira que inspira a personagem preenchendo meus pensamentos com sua história. Depois que concluí a fala, a Júlia pontuou que acha minha escrita “ensaística” e lembrou da escrita que inaugura o nosso caderno, um texto que escrevi que fala do GerAção e do mar:

é difícil escrever sobre a potência dos encontros entre mulheres e mares. ganha-se complexidade quando o empuxo é resultante de um convite-força para o mergulho. vivi um pouco afogada em afetos, arrotando água salgada desse mar GerAção POA nesses dias de chegadas.

um pensamento que me trouxe pra dentro, como repuxo de mar agitado, foi de tentar abandonar qualquer pretensão ou desejo de salva-vidas.

deixa que a onda bata forte.

aos poucos aprender a mergulhar ou, quando der, se deixar levar pelo movimento da onda, daquele jeito-liberdade que não dá pra sentir o chão de areia.

há muito tempo eu não via tanta gente, conhecia tanta gente nova, me relacionava para além dos saltos entre uma aba e outra dos quadrados luminosos, celular, tv, computador. dorme, acorda, repete. fui assim por muito tempo. FOMOS.

poder estar aqui me mobilizou, acordou meu corpo, me colocou em contato com tato

esses processos de aprendizagem e rememoração. tomei um caldo e me senti viva.

o sol que invadia os janelões fazia da grande sala do prédio da GerAção uma estufa e, aos poucos, como marolinhas, as oficineiras e oficineiros iam se desvencilhando de suas camadas: casacos, mantas, toucas que o além-mar pedia por conta do inverno. ali usávamos roupa de mergulho.

por enquanto, permaneci com a sensação de estar à deriva, num fluxo infundável que me fez lembrar da Maria Bethânia em "canto de oxum"

[QUANDO EU MORRER VOLTAREI PARA BUSCAR OS INSTANTES QUE NÃO VIVI JUNTO DO MAR]

sem salva-vidas, encontro nos olhares de mulheres artistas um reconhecimento do meu cabelo cheio, de maresia e um convite, a cada encontro, para construirmos juntas uma canoa.

navegaremos.³

³ Neste trabalho, o uso e aparecimento do diário de campo foi importante para dar cartilagens a este corpo-texto. Para caracterizar sua entrada, escolhi esta fonte e formatação, diferentes do restante.

Em seguida, me apavorei com o movimento da Tanise: ela me entregou um artigo impresso intitulado “A Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida” do professor Jorge Larrosa. Disse para eu ler e, durante duas semanas, mantive o texto dentro da minha agenda, sem coragem para o encontro. Quando consegui percorrê-lo ganhei um lugar.

A intenção deste capítulo, portanto, é apresentar os lugares que forjaram esta escrita, que a contornam, como o ponto caseado. “A operação ensaio” foi um texto que ofereceu contornos (nunca fixos ou invariáveis) ao meu jeito de escrever, como sendo um modo experimental do conhecimento, a escrita como testemunho do aprendizado da escrita, que faz um balanço, mapeia um movimento. O ponto caseado é assim, vai dando um acabamento na borda. Se o ponto e as laçadas forem mais espaçadas, o tecido deixa-se ver. É um tipo de ponto firme, apesar de parecer delicado.

Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é o modo experimental do pensamento, o modo experimental de uma escrita que ainda pretende ser uma escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que dá o que pensar; e o modo experimental, por último, da vida, de uma forma de vida que não renuncia a uma constante reflexão sobre si mesma, a uma permanente metamorfose. (LARROSA, 2004. p. 32)

Outro lugar que me ofereceu uma borda às experiências vividas no GerAção e a escrita - agora ensaística - desse trabalho de conclusão, foi essa supervisão local. Propagamos neste espaço acontecimentos sem borda, o tecido que é espaço para os pontos. Nós. Constantes exercícios de entrever os impasses, os paradoxos; de inscrever o cansaço e a angústia de viver algumas impotências.

Pelbart (2013), ao escrever sobre os encontros da artista Alejandra Riera com o trabalho da Cia. Teatral Ueinzz, conta da construção de uma série de encontros entre um grupo de “artistas loucos” com alguém. Este alguém poderia ser um pedestre, vendedor, estudante, policial, anônimo; e a dinâmica consistia em lançar perguntas derrapantes, “deixando entrever dimensões inusitadas da inquietante ‘normalidade’ cotidiana que nos rodeia(...)” (p. 270). A partir desta conversa, os artistas se propunham a uma suspensão do automatismo da compreensão, uma vez que os hiatos, a incompreensão, o desalinho das linguagens, produzia um encontro - lido pelo autor - como quase esquizofrênico. No entanto, os efeitos colhidos e a representação posterior da experiência pela artista, mostraram “um rastro de uma

experiência que, ao ser vista, pode desencadear outras experiências” (p. 271) uma vez que ela, na escolha das palavras para apresentar pela primeira vez o filme produzido a partir da vivência, fala de exaustão, de uma dificuldade que tem encontrado de trabalhar. Por último, escolhe mostrar para o público os restos de seu computador, que estavam separados em sacos transparentes. Ao externar sua paralisia, ela provoca uma atmosfera que era comum a todos e aí estava posto seu movimento.

Este contorno que deixa vaziar algumas coisas, vivido por Riera e, ousado dizer, algumas vezes por nós, é quase como uma concha acústica. Amplia algumas sonoridades e constrói coletivamente as condições de percepção dos momentos vividos. Dar a um fato, uma expressão. Falar de sentimentos que muitas vezes eram estranhos de viver num serviço tão legal, mas que não estamos isentas de sentir: como o cansaço, a angústia, a fadiga, a raiva, diante do desmonte dos serviços de saúde pública e da precarização das relações de trabalho no SUS.

O que, para nós, é o compartilhamento de uma experiência, para outros é a morte da palavra. A morte coloca as palavras num abismo e foi deste abismo que despencou Alberto Terres, representante da comissão de trabalhadores da Pronto Atendimento Cruzeiro do Sul e coordenador da área de saúde no Sindicato dos Municipários de Porto Alegre (Simpa). Ele relata, em uma reunião na Câmara Municipal, que devido ao sucateamento deste serviço, a equipe está muito adoecida, inclusive houve suicídios *in loco* de funcionários, “tamanha pressão”.⁴

Essa é a nossa atmosfera?

Fazer um caminho nesse estágio, portanto, pressupunha fazer questões. Caminhar perguntando. Estranhar uma certa “normalidade” na rotina do serviço desacomodava os afetos. A metodologia cartográfica foi companheira nesse processo pois, conforme Passos e Kastrup (2009), ela “implica também a aposta ético-política em um modo de dizer que expresse processos de mudança de si e do mundo.” (p. 170). A supervisão local operava num sentido de fazer virar acontecimento alguns encontros com osicineiros, pensar que escuta havíamos

⁴ Disponível em:

<https://camarapoa.rs.gov.br/noticias/servidores-apontam-desmonte-do-atendimento-em-saude-mental-no-pacs>

feito e, então, abrir um espaço para pensar o trabalho em oficinas, o que isso significa para nós e quais autoras e autores nos ajudam a pensar esse fazer. Sendo assim, investir e entender estas microrrelações, indica esta dimensão micropolítica das relações de poder (Foucault, 1997).

Pensar e colocar questões ao trabalho, fazer passagem do momento vivido à escrita e depois coletivizar estes testemunhos, foi alavancando a proposta de construir, em coletivo, um projeto de estágio que se fez insistentemente presente, ocupando espaços, tecendo escutas. Esta posição, uma política da narratividade, definiu uma forma de expressão do que se passa, do que acontece, em relação ao mundo e a nós mesmas. “Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político”. (PASSOS, KASTRUP, 2009 p.151)

Construía-se, a cada encontro, a cogestão de uma política, impactando na construção das escutas que fizemos, expandindo as aprendizagens da supervisão para as oficinas e vice-versa. Penso que por isto mesmo o estágio é em políticas públicas. Este relato de experiências com contornos moventes, enxerga os sujeitos como parte da escrita, e não como objetos que se faz pesquisa sobre. Deste encontro de sujeitos, ou melhor, como nos ensina Passos e Kastrup (2009), do que se expressa desse encontro, se exige um procedimento que possa incluir sua dimensão subjetiva:

Qual procedimento metodológico nos permite tomar esse objeto no que ele transgride o sentido etimológico da palavra (do latim *objectus*, ação de por diante)? Se o objeto é aquilo que se põe tal qual como um obstáculo ou uma barreira a nossa frente, do sujeito se diz ser o que está ao lado (do latim *subjectus*, vizinho, próximo, limítrofe). Tomar os sujeitos e o encontro entre eles como objeto de pesquisa nos impõe um outro sentido para o rigor metodológico, aquele que nos força a pensar as condições de possibilidade para o exercício crítico-clínico que toda pesquisa em saúde, toda prática clínica exige. (p. 151)

Nos encontros, lado a lado umas das outras, colocamos palavras em movimento, lançamos perguntas e também recebemos algumas. No jogo das relações me interessava habitar os fluxos sem regras, as subjetividades fabricadas

em oficinas. Produz-se uma conexão entre os materiais e as mãos. Estas produzem algo palpável e ao mesmo tempo tateiam memórias, registros e histórias das vivências de cada uma. A dimensão subjetiva acessada a partir das manualidades é algo que instigou o desejo-pesquisa, o querer, se é que é possível dizer de algum objetivo, este seria - mapear Isto, que borra as fronteiras da dualidade dentro-fora, que aciona o desencarrilhar de uma narrativa.

Recuperando as formulações de Pelbart (2013), o que estaria ocupando meus saquinhos transparentes?

Riera fala em políticas de representação. É parte de sua ética, “jamais ocupar o lugar daquele ou daquela que ‘representa’, mas deixar espaço para que outros, enquanto sujeitos (com os quais escolhemos fazer um caminho), se autoapresentem, ocupem um lugar (p. 271).

Oficineiros eicineiras vão ocupar um lugar aqui, talvez tragam com eles uma polpa de papel, algumas linhas e algo que diga do silêncio. Talvez essas coisas, esses gestos, ocupem um lugar.

BORDADO LIVRE NO PANO DE FRENTE

O GerAção POA – oficina saúde e trabalho é um serviço da RAPS da prefeitura de Porto Alegre que teve seu broto germinativo em 1996 na garagem da Pensão Nova Vida. Lá, com uma tímida investida em ações de economia solidária, se ousou sonhar.

Com a bússola ética apontada para o sul da reforma em saúde mental ⁵, o GerAção toma forma na rua Mariante, em uma casa de dois andares que exhibe seus tijolos à vista. Pensando o trabalho de mãos dadas com a economia solidária, guiados pelo desejo de *ser-se pessoa* em coletivo, reúnem-se neste prédio oficinairos, residentes multiprofissionais da área da saúde, estagiárias de diferentes cursos e universidades e uma equipe técnica que faz jus à frase: “o SUS tem cara de mulher”⁶.

Os fios de vida que conduzem nosso trabalho coletivo são compostos por linhas de fuga do manicômio, sabemos que a liberdade é o melhor cuidado. No entanto, essa escrita nasce num Brasil onde o fascismo ganha força. É necessário, e tomo como tarefa transversal deste estágio, que a luta antimanicomial a que nos referimos seja comprometida com a discussão feminista interseccional, que disputa um projeto societário que visa a superação das opressões de raça⁷, classe e gênero.

Insisti, durante muito tempo, respaldada pela fixidez que permite a academia e aos privilégios que a branquitude me concede, em adiar esse diálogo tanto nos debates sobre a luta antimanicomial quanto nos feministas, produzindo uma separação entre os dois. Hoje isso parece-me contraditório, afinal, o manicômio é um terreno fértil para perpetuação das violências e opressões seculares, pois nele está contido um amplo espectro de tecnologias que permite a violação de direitos que incidem sobre os corpos negros e femininos com mais frequência e força.

⁵ De acordo com Martins (2009): “Utilizaremos o nome reforma em saúde mental ao invés de reforma psiquiátrica. Ao longo do texto, ficará claro que até o termo saúde mental é limitado, mas, ainda assim, preferível à “psiquiátrica”, que não dá a dimensão plural da reforma, mas o delimita a uma área de atuação.” (Martins, 2009. p. 3)

⁶ Remuneração de mulher também:
<https://revistapegn.globo.com/Emprego/noticia/2021/04/mulheres-sao-maioria-no-setor-de-saude-mas-ganham-37-do-salario-dos-homens-em-cargos-de-chefia.html#:~:text=Eles%20ganham%2C%20em%20m%C3%A9dia%2C%20R,Elas%2C%20R%24%209.215.>

⁷ Raça vem na frente.

Portanto, esta escrita que pretende mapear e acompanhar um percurso de estágio e sendo este um período obrigatório da formação acadêmica em psicologia, também tomo como obrigatoriedade que se inclua, dando o fôlego que for possível, esta discussão acerca da urgência de politizarmos nossas práticas, indo na contramão da psicologia que se pretende asséptica, neutra e descolada das questões que estão borbulhando na sociedade. Gomes (2019), ao escrever sobre o pensar-se pesquisadora aprendendo em liberdade, afirma que a lembrança e racialização das histórias é um modo de saber de si, de sua origem, do seu lugar no mundo; é poder transformar ferida em cicatriz e, “sobretudo transformar vida em mais vida” (GOMES, 2019).

Fui convocada, a partir disso, a produzir desvios narrativos, inventar fugas potentes nessa tessitura de conhecimentos. Para além da fuga, foi necessário construir um lugar que fosse possível chegar, ficar e guardar cada novo fruto desta desterritorialização.

Na tentativa de escrever com os pés, lanço chão da escrita cartográfica e ensaística, a partir dos diários de campo que misturam cenas vividas no GerAção com fragmentos de teorias, analisadores e questionamentos. Segundo Costa (2014), a cartógrafa é companheira dos afectos (afecções), é amante dos acasos e carrega consigo o olhar de não-asepsia pois se suja com os acontecimentos. Tudo isso acontece devido à imersão no território e relações que nascem com seus mais diferentes atores.

No encontro com as oficinas e oficinas que compõem as oficinas de bordado e costura, serigrafia, encadernação, velas e papel artesanal, os movimentos cartografados abrem novos possíveis, fazem furos que deixam escorrer com facilidade as linhas que preenchem o que se reformou na Reforma em Saúde Mental. O que pude escutar e que trago aqui, convocando a função testemunho, compõe uma parte dessa história, uma parte que não está nos registros oficiais, nem nas leis, nem nos filmes.

Testemunhar é um ato de sobrevivência psíquica e, ao mesmo tempo, um ato que tem um compromisso de transmissão da experiência no espaço social ou coletivo, face à precariedade de recursos simbólicos, disponíveis na cultura. (BLUM, 2015. p.16)

Esta escrita registra alguns dos afetos percorridos pelo meu corpo-pesquisante enquanto escutava Histórias Orais da Reforma em Saúde Mental. São registros que vão, por exemplo, desde uma pequena história sobre um trajeto cotidiano pelo bairro, o desejo de aprender a fazer feijão, o movimentar-se por um parque tirando fotografias para compartilhar com os colegas, conseguir e poder sonhar com futuro, cortar o cabelo com o dinheiro recebido pelo trabalho feito no GerAção, participar do controle social, falar do nosso SUS... Coisas que só acontecem quando estamos livres. Compõem esse processo um emaranhado de linhas clínicas, pesquisantes e militantes, apostando nos fragmentos e narrativas, produzindo conhecimento por meio da experiência.

O ressoar dos pensamentos da luta antimanicomial interseccional, o contágio com as histórias enunciadas em cada oficina que tive a oportunidade de acompanhar e a escrita resultante desses processos me permitiram experimentações no campo da saúde, me enxergando enquanto trabalhadora de um serviço da RAPS. Conduzindo à proposta de uma clínica feminista e antirracista, mantive o corpo aberto, sensível, atento a cada instante que se abre no tempo facilmente fragmentado.

Logo nas primeiras vezes que fui ao GerAção, ainda acordando o corpo que ficara adormecido pelo isolamento social e criando disponibilidade ao que via ali, pousei na oficina de bordado, corte e costura. Fui convocando alguns estranhamentos para habitarem o olhar a partir de cenas-fragmentos. Lanço chão de um deles para dizer do objetivo(caminho) desta escrita-testemunho(irá tomar):

Enquanto cortava um pedaço de tecido junto com o oficineiro Pedro, reparamos que o cortador circular, pela rapidez que estabelecia contato com o linho delicado, fazia com que alguns fios teimosos se desprendessem do todo. Começamos a conversar sobre como era fascinante pensar que todos os panos são feitos por incontáveis fios, tramados e compactados, mas que às vezes fogem quando resolvemos dividir esse todo. É bem bom atravessar um silêncio conversando sobre um óbvio.

Pretendo, portanto, bordar/escrever com um dos fios que compõem o tecido GerAção POA. Não intenciono contar a história toda, mas sim uma parte dela, assim como na artesanaria dos nossos dias, tecemos uma parte da reforma em saúde mental. Nesse bordado livre, o nó [nós] que sustenta nossa linha é bem dado, para que nela escorram as palavras em movimento do coletivo. O fio carrega a memória.

Escolheremos, aos poucos, um bastidor que possa acolher panos de frente, fazendo deste tecido formado por histórias um espaço acolhedor das mais diferentes linhas de palavras, posicionados não como horizontes utópicos, mas como o chão que pisamos.

ALINHAVO: UM CONVITE AO PERCURSO PELA CASA DO GERAÇÃO

Entrando pela rua Mariante, quem primeiro nos recebe é a Maquelle, girando um chaveiro do personagem “tigrão”, do desenho ursinho pooh, que abre a porta de quadradinhos de vidro. Aos poucos, no enunciar de “bom dias” e diferentes formas de acolhida, nosso olhar vai pousando em um espaço de paredes, bancos e prateleiras coloridas. À direita há um jardim de inverno com uma árvore que com certeza já viu muitas coisas. Dentro de um espaço redondo e curioso que me instiga, levo a imaginação à poesia de Manoel de Barros; carrego-a comigo como um espaço de escuta silenciosa de uma realidade misteriosa e sagrada. Aquela árvore que empresta seu corpo-tronco para que outras plantas germinem e floresçam é uma expressão de mutualidade que muitas vezes encontrei no cotidiano do trabalho no GerAção. Sou frequentemente amparada e amparo, num fluxo que representa a horizontalidade que é uma das palavras-ação que venho aprendendo a praticar.

Aos poucos, este espaço também acolheu minha bicicleta. Flicts e eu tivemos desencontros nessa retomada da circulação pela cidade. Depois de muitas quedas, coleciono no meu corpo marcas de esfolados e alguns hematomas que dizem também desse percurso de estágio em pandemia: eu cheguei no GerAção com pressa de viver. Aos poucos fomos nos contaminando com esta presença firme e serena da árvore, habitando um mundo que se renova com a chuva e irrompe a cada nascer do dia. Construí uma rotina que acolhe os tempos de vida.

Quando eu era criança pedia para o tempo passar mais depressa - sem saber que o tempo é voraz - e que quando adulta, não teria mais pressa. Na verdade, tenho um pouco de pressa sim: pressa de (re)colher histórias, ir dormir pensando em calmos detalhes de cenas cotidianas e amanhecer dizendo o que sonhei. Tenho pressa de dividir afetos, ampliar meus passos e preencher com palavras quinas e frestas. Quero pedalar pelos intervalos do mundo, ajustar meus ponteiros e viver por inteiro esse tempo que me resta...

Seguindo pela lateral, há um espaço dividido em dois e destinado ao momento do lanche. A comunicação entre estes cômodos acontece por um buraco na parede, tão

curioso. Este espaço me possibilitou descobertas incríveis e surpreendentes: o rosto das pessoas – mapas de vida. Lembro de vivenciar uma sensação parecida quando, na adolescência, me arrisquei como bailarina e participei de alguns espetáculos produzidos pela escola de dança que frequentava. Antes de entrar no palco, puxava o pano da coxia para espiar a plateia, assustava-me, respirava fundo, acomodava as borboletas no estômago, coragem, 5, 6, 7, 8 e dançava. Era uma espiada de celebração: os outros me vêem. Ganho, assim, rostos completos para compor com as histórias que tenho colhido que constituem este ensaio da vida de trabalhadora do SUS, vivendo no corpo os diálogos complexos e multifacetados da psicologia com as políticas públicas.



Vários lugares no GerAção nos dão pistas de que são muitos os pontos que nos conectam com a cidade e seus jogos de alteridade. O GerAção é uma cidade dentro da cidade? É um ponto da cidade? Dando alguns passos que nos afastam da cozinha, entramos num espaço que tem um palco muito colorido pendurado na parede, abaixo dele algumas plantinhas que a Rosa e a dona Sandra cuidam diariamente. Um pouco mais à frente, há um banco que pode servir para olhar o palco e as plantas, a rua movimentada ou a oficina de velas.

Estes são alguns dos entres, momentos de pausa, que compõem a casa do GerAção. Um deles, respiro entre os tijolos, a natureza que insiste em marcar

presença e faz um Entre a rua movimentada e os agitos no GerAção. Outro que é um buraco que comunica os lados do lance, onde espio, repouso, me nutro.

Seguindo pelo percurso nos cômodos do GerAção, há outros entres. A disposição dos móveis, as mesas grandes, as salas amplas, são convites que criam desejo de encontros de corpos. Nestes ambientes, a partir da confecção de algo

busca-se o resgate da cidadania e a recuperação ou criação de novos enlaçamentos sociais, numa rede que permita ao sujeito inserir-se em alguma forma de liame social, ou seja, participar de um conjunto de signos que o inscrevam enquanto ser social e político à medida que lhe for possível (Guerra, 2004. p. 38).

Fazer em oficina, portanto, presume estar em atitude de pergunta: o que é possível, aqui, pra ti?

Com essa abertura às possibilidades, colocar as mãos em movimento, tocar objetos para produzir e “produzir-se, ao mesmo tempo que inicia sua reinscrição na cultura” (Lobosque e Abouyd, 1998. p. 255). Em oficinas constroem-se vetores endereçados à este Outro, que, se não fosse a presença singela dos objetos, poderia ser intimidador. Estabelecemos conexões, portanto, habitando os Entres.

O fazer em oficina tem como horizonte, através da produção de materialidades diversas, a externalização de um objeto em uma operação que tem como efeito estabelecer de forma singular as bordas de um buraco no Outro e, ao fazê-lo, representar o lugar do sujeito nas malhas do simbólico, mesmo que de forma precária. De algum modo, também é disso que se trata na arte – externalizar um objeto capaz de inscrever novas possibilidades de o sujeito se representar no campo do Outro. (Moschen, 2012. p. 108)

No GerAção, vemos e fazemos o movimento de busca pela cidade, pela expansão de pontos de circulação. É a partir dessa multiplicidade que se criam relações de autonomia e vínculo, e a circulação entre estes, constroem nossas redes.

Redes de saúde, de economia solidária, de trabalho, de aprendizado. Fazer oficina é estar atento ao outro e passeando por entre as redes. Ora física e concretamente, ora pelo exercício do pensamento e construção de uma narrativa. Trabalhar em coletivo, fazer parte de um pequeno processo que compõe um produto, faz com que o trabalho seja um empuxo à conversa. Sabendo do outro,

consegue-se saber do que ele é capaz, e dessa dança depois faz-se ver o espetáculo que é um produto que carrega marcas de singularidades.

A beleza das oficinas talvez seja a não-padronização, estar aprendendo uma manualidade que tem um retorno quando endereçado a este Outro, que recebe um produto que carrega histórias. Trabalhar neste coletivo significa muitas coisas, o retorno financeiro e os mais diferentes destinos que os oficineiros dão à ele demonstra isso. O dinheiro recebido no Gera tem outra importância, tem valor pra além do preço. É usado para compor com desejos, anúncios de premissas e futuros.

“Parece-nos ser justamente a partir desse ponto que a densidade simbólica diferenciada pode ser pensada na intersecção entre objeto, no campo da clínica, e produto, no campo sociopolítico.” (ibidem, p. 51)

Habitar os Entres, fazer dos objetos esse laço entre sujeito e cultura, sujeito e sociedade, é um processo difícil, porém criativo; exigente, porém fértil; cansativo, porém belo. Escolhi, nos capítulos que seguem, permanecer nesse andar de baixo do GerAção. Foi nestes espaços que escolhi passar a maior parte do meu tempo de estágio. Ou será que me escolheram para ficar ali? Havia um desejo posto de acompanhar estes corpos que não sobem as escadas.

O QUE FAREMOS?

Num conjunto de 5 folhas de papel reciclado para fazer miolo de caderno

No tecido firme pelo bastidor para bordar um ponto com uma linha colorida

No nylon esticado e exposto à luz para gravar uma arte de serigrafia

Na tela que mergulha na água com polpa e cola para fazer uma folha de papel artesanal

No compasso ritmado da agulha da máquina de costura

Na escuta de uma fala maciça enunciada por um oficinairo

A função da psicologia no GerAção POA talvez seja fazer furos. Depois fazer escorrer por eles a cidade como vetor de produção de encontros de saúde.

OFICINA DE PAPEL

Qual é nosso papel aqui?

O papel tem um ciclo?

Que papéis desempenhamos?

Há intersecções entre esse fazer-papel na oficina e as histórias de vida?

Que medidas usamos para fazer um papel?

Papel de personagem principal?

Papel reciclado?

Papel de trouxa?

Papel semente?

Papel de mãe, pai, filho, filha, tio, tia?

Fazer, refazer, picar, triturar, adicionar solvente, virar coisa outra, adicionar cores novas, colocar a polpa na água, muita água, inserir pedacinhos de outras oficinas ou de outros papéis, mergulhar um limite, esperar a coisa parar de se mexer, subir à superfície, criar um vácuo, fazer força e ver nascer coisa outra.

Escorrer a água, posicionar os entres, virar com cuidado, tirar o excesso, posicionar mais entres. Repetir, repetir, repetir. Até cansar ou até a barriga roncar ou até quando o tempo acabar.

Criar outra pressão, fazer escorrer mais água. “Prensa molhada, 12 toneladas”. Separar os papéis com cuidado para não desunificar a polpa, para não machucar a nova folha. Estender no varal como roupa recém lavada, usar prendedores para isso. No dia seguinte, tirar do varal, notar que enruga quando a água seca, tirar dos entres, colocar entre raios-x o novo papel, documentos de dentro. O papel teimoso, enrugado, curvado agora está entre novos entres que são fotos de dentro da gente. “Prensa seca, 12 toneladas”.

Três dias depois, novos papéis.

O papel vem-e-vai. É inteiro e também poroso. Passa por fases, exige paciência. Ora mais fluido, ora estático. É uma prática ancestral. É uma oficina, é um lugar de encontro. O movimento dos corpos que escolhem habitar a pequena sala, bem no fundo do GerAção, é como uma dança. Quase sempre acompanhada pelas músicas da Rádio Continental.

Neste espaço conheci Milton⁸, um senhor negro, de estatura baixa, de voz ativa. Ele me ensinou pacientemente sobre cada processo da oficina, pausando, perguntando se eu tinha dúvidas. É uma oficina que, assim como todas as outras, tem uma linguagem muito própria. O nome do grande recipiente que acolhe a água é cuba. A tela vazada que mergulha na água e acolhe a polpa é bastidor. Os feltros cortados que servem de cama para o papel úmido são entretelas. Os pedaços de linha, de outros papéis, de flores e folhas secas são inserções.

Milton foi explicando a funcionalidade de cada um desses objetos da oficina na medida em que fazia o papel. Era amarelo e nossa imaginação nos levou pra lancheria do parque, como se estivéssemos com as mãos em um grande suco de laranja batido. Imitamos a voz dos garçons, rimos um pouco e depois conversamos sobre o caos organizado da lancheria. Compartilhamos um espanto: como eles entendem e reconhecem a voz uns dos outros e raramente erram um pedido? Eu assisti ele colocando a polpa na água e extraindo o primeiro papel.

Mostrou-me o movimento que era necessário que os braços fizessem, “deitando” primeiro o meio e depois o fim do bastidor. Se fizer esse movimento muito rápido e inteiriço, a polpa fica retida na parte de baixo e não sobe pra frente do bastidor, não forma papel. É preciso calma e delicadeza. Falou da importância do momento de espera entre colocar o bastidor na água e a água “se acomodar”. Uma respiração de encher os pulmões.

Depois, me disse de uma tal força que puxa pra baixo, que forma um vácuo e eu não entendi. Foi subindo o bastidor do fundo da cuba até a superfície, a polpa com inserção de chá de macela foi ficando na tela, ele encostou o bastidor na cuba, tirou os olhos do papel e me olhou. Falou: “quanto mais água tu tirar aqui, menos trabalhadeira tu tem depois” e eu pensando: “poxa vida, tem um depois? já é tanto até aqui...”. Num gesto que carregava tamanha destreza, ele tirou uma das partes de madeira do bastidor, que segura a polpa, dando um contorno. Apoiou na cuba e foi para a ponta da mesa onde estavam dispostas as entretelas. Virou a nova folha nos tecidos, tirou o excesso de água dando pequenos apertões com uma esponja.

⁸ Toda história carrega o nome de quem a enunciou. Aqui, trata-se do relato da minha experiência neste local. Por isso, acabei decidindo substituir os nomes dos participantes por nomes fictícios, a fim de preservar a delicadeza de suas histórias.

Retirado o excesso, ergueu o bastidor e, com petelecos, saiu inteiro o novo papel. Comemoramos muito! Era lindo, bem amarelo, na superfície da folha uma marca sutil da tela, quadradinhos minúsculos - a prova de que havia sido moldado em outro lugar.

Nas horas seguintes, fizemos a quatro mãos umas 15 folhas de papel. A conversa que embalou nossas horas era cheia de “hãns?”, “quês?” e “repete por favor?”. A música estava muito alta e, acrescido a isso, a rua gritava, invadia e preenchia cada canto da sala. Ainda sim havia entendimento. Ou um desejo pelo encontro e pela conversa que operava uma escuta entre nós que acolhia os ruídos como parte das narrativas.



Ele me falou das filhas, que sente muito orgulho e tem muito amor por elas, que trabalhou durante chuva e sol para que elas conseguissem estudar. Diz que hoje colhe os frutos disso, já que elas lhe ensinam a ler e a escrever. Tem dificuldade, mas elas têm paciência. Lembrou do seu pai e disse que sempre quis ser diferente dele, que teve uma infância complicada.

Quer voltar à escola, manifestação comum de tantos outros oficinairos e oficinairas do GerAção. Sempre que começa um ano letivo sente vontade de parar, tem familiaridade com os números mas não é tão bom com as palavras. Interrompi. Disse: “as escritas, né? nas ditas tu tá arrasando” rimos, ele concordou. Continuou falando que quer aprender a escrever além do nome.

Na sequência convidou-me para arriscar um papel-solo. Até então, eu acompanhava o movimento das mãos dele, segurando o bastidor do outro lado da mesa. Fazia o movimento inverso.

Recalculei a rota, mas ainda assim foi difícil. Errei, fiz um papel que ficou cheio de furos, muito transparente. Ele sinalizou meu erro, disse que eu tinha descido muito rápido com o bastidor e por isso a polpa não tinha se acomodado direito.

No momento do erro, Milton manteve a calma e disse: “até é bom que tu erre, assim tu sabe o que fazer quando errar de novo”. Senti alívio por saber que ali, bem como no bordado, o erro não acarreta o desperdício de material. Na equipe conversamos sobre como esses desperdícios impactavam o financeiro do coletivo.

“Agora, a gente dá um beijinho na água, mexe um pouco e vai de novo”. Quando ele falou isso eu me emocionei. O beijinho conserta o erro. Se der errado, beija a água. Se der errado, ama. Se der errado, volta pra água. Tomei um caldo e me senti viva. “Amor se constrói”, li num bordado da caixa dos bordados livres. Sim, é livre. Sim, se constrói. Lembrei de uma aula onde escutei: “desconstruir para construir, desterritorializar para territorializar”. Fazer e refazer, erros e acertos. Entre eles, curtir o processo, aproveitar a vista. Voltei pras nossas mãos, já tinha ido longe demais nos pensamentos. Acertei meu primeiro papel.”

Para além da atividade da oficina, que Milton já estava apropriado e desempenhava com facilidade, vejo que este saber deu espaço para que ele falasse de si, da sua história. Nestes momentos, quando o assunto da oficina passa da exigência do aprendizado à enunciação das narrativas, de um contar de si; nasce

uma pista que diz da necessidade de pensarmos qual clínica é pertinente ao espaço do GerAção. Neste sentido, a contação sobre os elementos da sala, dos objetos que passam por nossas mãos, culminando num primeiro fazer-junto o papel e depois passando para um papel solo, vejo que muitos elementos destas cenas estão relacionados à prática do Acompanhamento Terapêutico. É importante dizer que vou tentar somente escrever sobre algumas aproximações entre esses fazeres, e não compará-los.

O gérmen da função-at começou a brotar a partir das inspirações de alguns rebuliços internacionais da então nascente luta antimanicomial. Já basta(va) de manicômios e suas violências, então como fazer essa passagem? Rolnik (1997) afirma que, para libertar a loucura de sua condição de existência doente, foram necessárias mediações das mais diversas e entre os mais variados territórios e entre tudo isso e a paisagem da cidade. Podemos dizer, então, que “fazer papel de AT” é caminhar criando possibilidades reais de vida não doente. (ROLNIK, 1997, p. 84)

O GerAção POA, oficina SAÚDE e trabalho, sendo saúde, compõe um destes pontos de possibilidade de vida não doente. Vejo na equipe de servidoras públicas do Gera, um desejo operante de, como nos ensinou Basaglia, colocar a doença entre parênteses. Deixar que a vida do sujeito oficineiro encontre lugar para ser enunciada no GerAção pressupõe que seja criado um lugar e um tempo de escuta.

Essa clínica que podemos fazer circula pelos vazios e pelos intervalos de despalavra entre o fazer da oficina. Vamos preenchendo com perguntas os cômodos do GerAção e, nestes intervalos, há também a transmissão de um saber por meio dos gestos. Milton me mostra como devo me colocar em relação com o papel, bem como meus acompanhados me mostravam como eu deveria me colocar em relação aos seus territórios de existência. Explorar a dimensão temporal do encontro também aproxima esses fazeres.

A lentidão e a paciência, como resistência ao ritmo acelerado imposto pela contemporaneidade, cria um espaço-tempo próprio desta oficina de papel. Há um tempo de entrada, sinalizado por Milton, é preciso habitar este tempo para que a polpa se acomode no bastidor e o papel ganhe consistência. A afobação por aprender, a ânsia por fazer, produz uma transparência que não produz papel. Ele

disse, com os seus gestos e palavras que, para acompanhá-lo, era preciso que eu aprendesse com o seu tempo.

A sintonia com o tempo do outro, aprender juntos o caminhar do encontro e aprender a escuta que se faz pertinente ali, também faz parte do cotidiano de quem escolhe o acompanhamento terapêutico como ferramenta possível de trabalho. Neste sentido, Pelbart (1993, p.30) lembra que o tempo da loucura, e, arrisco dizer, o tempo das oficinas, é “um tempo que não é o tempo do relógio, nem do sol, nem o do campanário, muito menos o do computador. Um tempo sem medida, amplo, generoso” (PELBART, 1993, p.30). Nestes espaços, é necessário que se concebam outras formas de estar no mundo, deixando de lado a pressa.

O GerAção - oficina saúde e TRABALHO, sendo trabalho, escolhe diariamente tecer relações que respeitem os tempos de vida de cadaicineira/oficineiro, incluindo suas habilidades. Ir no contra-fluxo do projeto neoliberal de tornar o trabalho algo penoso e adoecedor é uma ética que guia nosso cotidiano. Neste sentido, horizontalizar as escolhas, planejar em roda os passos que o coletivo irá tomar, escutar e acolher as diferenças, é algo que faz mover nossas redes da economia solidária.

Para colorir este aprendizado e esta aproximação entre os tempos de oficina e de acompanhamento, trago um diário de campo de novembro de 2019, onde eu conseguia elaborar algumas cenas dos primeiros encontros com meu acompanhado da época.

Ele levantou, pegou um guarda-chuva estragado, colocou um chinelo e foi indo para a porta da casa, sem falar uma palavra, conduzia-me. Fez questão de passar por todos os cômodos, apesar de aquele não ser o caminho que nos levaria para a rua. Ainda calados, a rua.

Vazia, suja, alagada. Nosso setting é esse, o nosso lugar é o não-lugar, ou talvez todos os possíveis. No caminho, fui deixada para trás devido aos passos rápidos de Ronald. “ei! ô! vê se me espera, por favor! eu não sei andar sozinha.” Eu continuava para trás, até que chegamos num lugar que o corpo dele parou e admirou. E eu parei junto, pensei que nunca tinha estado num lugar tão alto, nunca tinha visto a cidade tão inteira, um todo que se dissociava na medida em que meu óculos embaçava por conta da minha

respiração ofegante. Tirei o óculos e via cada vez menos as barreiras, as avenidas, e Ronald disse, olhando para mim:

É daqui que eu gosto de começar o AT.

Olhando para esta cena agora, depois de um semestre tendo experiências como AT, entendi um pouco do trabalho que estou experimentando. Acompanhar é confiar no outro, fazendo investidas, acreditando no cuidado em rede, ninguém soltando a mão de ninguém. Ronald inverte o papel, me acompanha pelo seu bairro. Diz com seus gestos que ali, quem sabe mais de AT é ele, e lembrando Grada Quilomba, que põe em questão quem pode falar, sobre o que podem falar as pessoas negras, vejo uma intersecção possível com o cotidiano que nós vivemos. Ronald fala muito de Acompanhamento Terapêutico, sua vivência de anos me ensina, ele conduz. Trabalhamos juntos para que algumas assimetrias se dissolvam para que emerja um desejo de circulação por novos territórios físicos e afetivos.

Busco, neste jeito de narrar, que carrega diários de campo de diferentes experiências, traçar esta aproximação da qual me proponho. É na intenção de atizar, como Benevides e Passos (2003) “em suas bordas, o que lá insiste/resiste como força de criação”. No limite destes saberes, algo vibra, contagia. Essa vibração pode estender os limites, tanto das oficinas quanto do acompanhamento terapêutico. Este trabalho clínico-político, portanto, ao seguir algumas pistas do método cartográfico, narra esta experiência viva no meu corpo de interlocução entre tais práticas. Vejo como possível de continuar o cultivo disto no GerAção, devido a multidisciplinaridade que existe na equipe e que permite o AT, e também pela deliciosa possibilidade de incluir osicineiros como acompanhantes uns dos outros. Vejo que isso já acontece, mas talvez precise de um nome, talvez não.

Foram percursos amparados pela palavra e pela cidade, então, incluir um agente ou/e uma ética que transversalize esses campos, “é, no que diz respeito aos modos de dizer, tomar a palavra em sua força de criação de outros sentidos, é afirmar o protagonismo de quem fala e a função performativa e autopoietica das

práticas narrativas” (Benevides e Passos, 2006. p 156). Falar de uma inseparabilidade existente entre o fazer e o dizer é, então, observar que o GerAção, na medida em que afirma sua retomada da circulação pela cidade, afirma-se enquanto um serviço que aposta na ética do acompanhamento terapêutico, já que ambos amparam o cuidado por esse caminhar acompanhado, produzindo encontros de saúde entre sujeitos e a cidade.

Talvez um dos aprendizados do acompanhamento terapêutico e também desta oficina, seja que, tanto para fazer papel quanto para a vida, é necessário ter amparos. Para fazer papel de AT, também. Aprender, assim, a construir uma psicologia amparada na valorização e transmissão de saberes populares, com aquelas e aqueles que estão caminhando conosco. Aqui-ali com objetos, aqui-ali [entre nós] com palavras, aqui-ali com as nossas pessoas, aqui-ali com o que compartilhamos, contando histórias de nós.

OFICINA DE BORDADO

silêncio. silêncio silêncio.

silêncio.

silêncio.

silêncio.

não aguento mais o silêncio. vou escrever ele. ela. isso.

vou bordar. dizer disso. dessa. dele. dela.

silêncio.

No começo e no fim era o silêncio. Bernardo, personagem de Manoel de Barros, em “O Guardador de Águas”, prende o silêncio com uma fivela. Quais os sentidos do silêncio? Como habitá-lo? Como interrogá-lo? É preciso fazer surgir da despalavra uma palavra? Como afivelar os sentidos silentes?

Nesta oficina, onde o silêncio se faz presença uníssona, interroga-se a escuta. Buscando um chão já pisado pela psicologia, procurei respaldo nas travessias do silêncio experimentadas nas escutas - quase sempre coletivas - de testemunhos. Essa clínica, inventada para escutar os sobreviventes da ditadura, fazia ver escombros, porções e mais incontáveis violências tão traumáticas que silenciavam. Emudeciam. Rompiam.

Não bastava “emudecer para ouvir o Brasil”, como em Macunaíma. O que se ouve do silêncio da ditadura é uma derrota, as marcas de um país que não produz ou produz pouca memória dessa época sanguinária, fascista; que é uma ferida sempre aberta e sempre a jorrar. Emudecem. Rompem.

Por algum tempo, foi suficiente elaborar as cenas vividas na oficina de bordado a partir do que nos oferecem as clínicas do testemunho. Somado a isto, um olhar para os racismos estruturais, também produtores de tantos silenciamentos. Pensar qual o impacto deste nos corpos pretos que enunciam suas narrativas e inscrevem-nas nos bordados feitos ali, naquela mesa redonda. Resgatar a história da Reforma em Saúde Mental também faz ver as violências traumatizantes e o silêncio patológico provocado pelo manicômio e seus correlatos.

Mas ali, no GerAção POA, mesmo quando dispunha dessas elaborações do silêncio, me mantive inquieta. Não parecia bastar. Um silêncio parece conter muitos silêncios, e queria descobrir este, que fez um vínculo que nos rondava.

Perguntava: “fulana, fulano, tu tá confortável com esse nosso silêncio?” A resposta que vinha me deixava sem chão: “sim, muito” ou “sim, eu gosto” ou “sim, é bom, né?”. Quando a pergunta voltava eu respondia “tá”. Não conseguia afirmar, ficava completamente atônita. Não parecia com a quietude de quem não está disposto a conversar, tampouco com a mudez patológica da catatonia.

O silêncio do racismo é horrível, o do manicômio, em outra medida, também, assim como o da ditadura. Mas tem esse que é bom.

Desejei percorrê-lo e parecia fazer sentido bordar junto. Primeiro observava os movimentos, depois passei a ensaiar alguns pontos, quando me dei conta já estava bordando. E, então, eu estava na roda, veio o silêncio. E era bom mesmo.

Criei um carinho pelo espaço, fazia questão de chegar um pouco antes do horário para organizar as linhas e procurar os tecidos que as bordadeiras daquele turno continuariam a bordar. A Tania me ensinou o ponto arroz e o Daniel o ponto cheio. A Aline me ensinou a colocar o bastidor e também a entretelar para que as linhas não se soltem quando o bordado for aplicado numa bolsa. Esse processo requer um cuidado com o avesso. Ela disse: “me encantam os avessos”.

Colhi a primeira pista olhando junto com ela para eles.



Olhar para os avessos parecia o afivelamento do silêncio por Bernardo. Era o registro dos nossos momentos, deixando ver aquilo que não está no lado direito. As marcas de um percurso que se produziu em sincronia com o outro lado. O avesso, guardador de silêncios, é cúmplice da beleza que está no direito, que pede o emudecimento para não perder o fascínio e a minúcia do bordar.

Quem me ensinou esse silêncio foi Taís. Taís Santos.

É extremamente difícil escrever algo sobre ela. Ela me habita. Mulher do fim do mundo, de olhos parecidos com os da Elza Soares. Mulher negra. Esposa. Mãe.

Bordadeira. Artista. Depois de um tempo de silêncio juntas, amigas. Companheiras. Confidentes. Bordadeiras.

A Taís me enxergou dentro do GerAção, percebeu minha agitação nos primeiros dias, me convidou pra sentar e bordar. “Senta e borda”. Foi cuidando de mim, da pressa que eu tinha, do coração descompassado. Ela, apesar de poder, escolheu durante os dois primeiros meses que estivemos juntas, não levar bordados e materiais para continuar trabalhando em casa. Dedicou esse tempo ao preenchimento calmo e contínuo de uma serigrafia cheia de casas, morros e árvores. Uma releitura de “O mamoeiro”, de Tarsila do Amaral.

Eu esperava ansiosa os passos pesados e o barulho oco que fazia seu pequeno tênis preto com strass no contato com a escada de ferro do GerAção. Me enchia de alegria com aquele arrasta-pé, era um dia de pisar juntas. Eu com as minhas sandálias ortopédicas, a Taís com seu tênis.

Nesses primeiros encontros ela me ensinou a bordar. Eu sentava ao seu lado e observava durante alguns minutos, depois tentava fazer sozinha e mostrava para ela. Percebi que ela não tinha um padrão de pontos, mas uma escolha de linhas muito rigorosa. Uma preferência por vermelho. Um desprezo pelas linhas muito grossas. Um amor por uma agulha específica, já enferrujada no meio de tanto ser segurada. Uma necessidade de preencher todos os contornos.

Às vezes acabávamos a linha ao mesmo tempo e era motivo de riso. Muitas vezes ajudamos uma a outra a desatar algum nó que se formava no avesso. Toda vez que chegava alguém para bordar conosco, eu fazia questão de dizer “foi a Taís que me ensinou a bordar, ó!”. Ela se remexia na cadeira, orgulhosa, professora. Na sequência dizia “e quem me ensinou a bordar foi a Greice!”.

Depois de um tempo, notei que ela não usava o bastidor e perguntei porquê. Ela disse que não sabia colocar. Aí, então, observei a Aline colocando e depois ensinei a ela. Passamos a bordar com bastidor. Toda vez que chegava alguém para bordar conosco, ela fazia questão de dizer “foi tu que me ensinou a colocar o bastidor, ó!”. Na sequência eu dizia “e quem me ensinou a colocar o bastidor foi a Aline!”.

Durante o tempo de oficina, essas são as frases que me lembro de enunciar com mais frequência. O restante e a maior parte dele, era de silêncio. De ouvir a rua

e o rádio. De ouvir os barulhinhos do bordado. A agulha furando o tecido, a linha passando por ele, a tesoura se espatifando na mesa, o ruído da meada de papelão roçando na caixa de plástico. Era o silêncio necessário para ver essa minúcia e a beleza do direito. Este fazer junto tece mais uma aproximação entre a prática do acompanhamento terapêutico e as oficinas, uma vez que em ambos há a intenção de protagonismo do usuário, em aprender a fazer com eles e elas e não para/por eles e elas.

Admiramos a primavera juntas, pela janela, especialmente um ipê amarelo que fica na esquina da Vasco, floresceu e depois fez um chão colorido. Admiramos as flores. Num dia que não bordamos, fizemos exsicata juntas, uma técnica de secagem de pétalas para aplicar na parafina das velas. Lembramos do nosso ipê ao fazer esse trabalho delicado.



Depois desse dia, quando notei um certo encantamento de Taís pelas flores, parecido com o que ela tem pelo bordado, resolvi fazer uma aposta. Pensei em oferecer-lhe um pedaço de etamine em branco, para que ela pudesse fazer um bordado livre, daquilo que lhe interessasse. Ela se assustou com isso e me perguntou “mas o que eu posso fazer aqui? me dá uma ideia?” eu disse “ah, borda algo que tu goste de ver, que tu admire”. Na semana seguinte ela me entregou um bordado com uma flor.

Neste movimento, Taís derramou muitos avessos em mim. Pediu para eu cuidar de alguns. Me contou de onde veio.

Hoje é um daqueles dias que eu me derramei voltando pra casa. Parece que na medida em que estudo sobre violências contra as mulheres, direitos sexuais e reprodutivos, isso vai criando uma disponibilidade à escuta que nem sei como as outras vêm, quando vejo estou acolhendo histórias do tipo das que a Taís me contou hoje. Ainda não sei o que dizer, só choro junto. No início da manhã ela me disse que nasceu em Santa Maria da Boca do Monte. Um grande silêncio. Depois do café me disse que morou na rua e depois na febem. Outro grande silêncio. Depois me disse que veio parar aqui em Porto Alegre, no São Pedro. Agora mora no Residencial, saiu de dentro.

No fim da manhã, compartilhávamos a mesa do bordado com o Sérgio, marido dela, que recém havia desenhado as letras de seu nome no ar. Ele disse que já tinha tido um filho com a Taís, e aí ela entrou na conversa. Disse que engravidou no São Pedro. Ela falava dele, Roberto, o filho, com saudade, com pesar de nunca ter amamentado ou cuidado. "Lá no hospital tiraram ele de mim, levaram pra casa de família". O Sérgio falou dele como se fosse um símbolo da sua virilidade, peito estufado, gesticulando com as mãos, muito.

Eu só consegui falar "que horror, que absurdo, Taís. Não viam que vocês são uma família?" "Nunca viram nós como família". Baixei a cabeça e voltei pro bordado, chorei, acho que ela não viu. Muito silêncio, até chegar o táxi. Tentei lembrar da gente dançando samba no Capitólio. Agora vejo Roberto em todos os rostos desconhecidos, filho dela, letras no ar. Escuto nossa playlist cheia de canções do Roberto Carlos tentando imaginar como será a voz de Roberto.

Traçando mais aproximações entre o fazer em oficinas e o fazer de acompanhamento terapêutico, vejo que nosso silêncio está para o bordar assim como o mesmo está para o caminhar. É um silêncio acompanhado, que marca um percurso. Se faz à medida em que se caminha, se borda. As andanças pela cidade

deixam rastros, a linha com agulha deixa marcas dos movimentos entre dois ou mais pontos. Entramos e saímos de territórios, elaboramos alguns. Fazemos apostas, aprendemos em ato na experiência de nossas travessias. Entramos e saímos do tecido com a agulha. Investimos na expansão dos territórios. Fazemos nascer, a cada encontro, um novo jeito de bordar.

Construímos o direito em sincronia com o avesso. Nos produzimos subjetivamente e produzimos a cidade junto disso. As repetições advindas dessa produção, tão importantes para o aprendizado da circulação pela cidade como também para um fazer manual de oficina, constroem algo. Esta construção adiciona camadas, é ritmada, repete e avança, como a cantiga de roda “Velha a fiar”, do folclore mineiro.

“Estava a velha em seu lugar
Veio a mosca lhe fazer mal
A mosca na velha, a velha a fiar
Estava a mosca em seu lugar
Veio a aranha lhe fazer mal
A aranha na mosca
A mosca na velha, a velha a fiar
(...)
Estava o boi em seu lugar
Veio o homem lhe fazer mal
O homem no boi
O boi na água
A água no fogo
O fogo no pau
O pau no cachorro
O cachorro no gato
O gato no rato
O rato na aranha
A aranha na mosca
A mosca na velha, a velha a fiar”

Estas relações que consegui fazer tentam dar testemunho de um percurso que intencionou fazer outros jeitos de atuar junto à loucura. Acredito que esse jeito passa por reconhecer que, em cada espaço que pisei, existem sujeitos que desejam. Construir, aos poucos, uma escuta junto a oficinairos, de oficinairos. Buscamos o cotidiano, na intenção de torná-lo terapêutico. Buscamos a cidade, na intenção de torná-la menos hostil. Buscamos a oficina de bordado, na intenção de “avessar” algumas memórias, acompanhar a errância das linhas e entender que passos dados elas acessam. Buscamos olhares e silêncios para chamar alguém para acompanhar nossas andanças, produzindo laços entre os oficinairos e oficinairas acompanhados e os territórios por eles habitados.

ARREIMATE NO AVESSE

Depois desse ensaio com papéis, linhas e palavras, cenas e gestos, consegui colher alguns aprendizados da experiência. Assim como achei necessário que se incluísse aqui, um pouco da história que me fez desejar estar estagiando no GerAção, acredito que agora seja necessária uma pausa, um balanço que diga de como estou chegando ao final dessa escrita que coincide também com o encerramento do estágio.

Estar no GerAção foi habitar, na radicalidade, um mundo que contém muitos mundos, lembrando Eduardo Galeano. O período entre março de 2020 até junho de 2021, tirando raras exceções, me mantive em casa, assustada com a pandemia. Trago aqui um último fragmento de diário de campo, de março de 2021, quando esse vírus que paira no ar estava presente no meu corpo, assustado.

não lembro mais qual foi o pontapé para que eu quisesse fazer psicologia. o tempo de pandemia bagunça minha memória, parece que sempre estive aqui. sei que fui me encantando pelas pessoas que eu encontrei na universidade, tive muitas paixões. daquelas de ficar com o rosto corado que hoje em dia não se enxerga por causa da máscara. daquelas que o peito fica latente e os olhos querendo puxar a pessoa pra perto - quero te ver de pertinho. me apaixonei muito, por colegas e suas histórias, por professoras, por coletivos, pela rua. hoje me acho mais fria (ou mais traumatizada?), mas quero acreditar que não perdi a capacidade de me apaixonar.

a psicologia que eu conheci em 2017 ia pra rua de noite. peitava a polícia em manifestação. ocupava sala. fazia barulheira até que o prédio-shopping da Unisinos feito pra não ser habitado pela diferença fosse preenchido por cores das pessoas, por cores de tinta guache, por loucos e sãos que eram loucos por acreditarem serem sãos.

essa era a psicóloga que eu queria ser. cheia de gente.

falar mais nós.

eu não quero ser a psicóloga que eu sou hoje. que escuta pelo telefone e não pelos olhos; que se relaciona com um quadrado luminoso e não com sorrisos; que passa sozinha o café e não pensando que ia ficar agitado porque eram mais 20 sentados na sala do coletivo. no início de março de

2020 eu fazia isso sem querer: passava uma baita térmica de café mas era só eu que tomava. aí vieram as insônias.

o mundo tá uma loucura, né? me dizem. não é só tu que tá assim, tá todo mundo passando pelo mesmo. eu sei, mas isso não me faz parar de doer. a gente tá tão individuado que sentir uma dor pelo brasil me parece rebelde. eu tô escrevendo pra lembrar da psicóloga que eu queria ser. pra ver se ela vira germen semente adormecida, sim vai ser só isso, semente adormecida, poderíamos arar a terra ou quem sabe atear fogo, tem semente que só desperta com o fogo. *lembranças da guria que cresceu em alegrete.* por enquanto eu só tô cansada pra fazer qualquer coisa.

pra tentar não transformar a revolta em nostalgia, digo que tô nascendo. enquanto isso eu bordo, teço, monto quebra-cabeças. faço coisas que me lembram artesanias clínicas e me ajudem a passar o tempo dentro do quarto. a saudade acho que é pra afirmar que não queremos viver nesse mundo e pra acreditar que um outro mundo tá vindo.

Nesse tempo o medo da morte habitava meus pensamentos mais concretamente - não sabia, assim como todas as pessoas que foram contaminadas, como reagiria ao vírus. Esse registro, um pouco desesperado pela incerteza em relação ao futuro, foi revisitado algumas vezes até junho, quando comecei o estágio no GerAção. Foi um início difícil, de corpo duro. Acredito que carregava algumas “sequelas” sociais, assim como fiquei muito tempo fechada em casa, acabei me fechando em mim mesma e o contato com outras pessoas era esquisito.

O que revirou a terra, ateou fogo na semente adormecida de psicóloga que eu queria ser, foi a alegria que encontrei no GerAção. Fui me enchendo de gentes e suas histórias, falando mais “nós” (e também dando alguns nós nos avessos de cada bordado que começava em oficina) e balançando as térmicas de café vazias ao final de cada turno de trabalho.

Ali o café era compartilhado, bem como o cotidiano, bem como o bordado, bem como o papel.

Aprendi, tanto em oficinas quanto na ativação das memórias da experiência do AT, sobre um tempo de entrar, tão importante para inícios de relações. Sobre a espera que carrega a transmissão de um saber. Sobre o silêncio, as apostas e a atenção de acolher o que vem, da maneira como vem.

Assim como fazer questões acompanhava meu caminhar, fiz questão de estar junto das pessoas. Era inevitável lembrar do tempo que fui acompanhante terapêutica devido a intensidade dos encontros e também por alguns comuns que aproximam as práticas de oficina e de AT: cuidado em liberdade, protagonismo do usuário, luta antimanicomial e cidade. Quais outros comuns possíveis?

Como a espera e o silêncio podem se atualizar e mover experiências?

Se o GerAção e o AT fossem apenas o que são, não haveria possibilidade para falar disso. Essa escrita talvez seja uma abertura, desejo, direção. Pistas do que somos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Fábio. Um passeio esquizo pelo acompanhamento terapêutico: dos especialismos clínicos à política da amizade. Niterói, RJ: Fábio Araújo. 2005.

BENEVIDES, R. e PASSOS, E. A instituição e suas bordas. In: FONSECA, T. e KIRST, P. Cartografias e devires. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p.341-356.

BENEVIDES, R e PASSOS, E. Passagens da clínica. In: Auterives Maciel, Daniel Kupermann e Silvia Tedesco (org.). Polifonias: Clínica, Política e Criação. Rio de Janeiro: Conreacapa, 2006, p.89-100

BLUM, Rodrigo. A Terceira Margem da Reparação. In: MOISÉS RODRIGUES DA SILVA JÔNIO (Brasília). Ministério da Justiça Comissão de Anistia (org.). Travessia do silêncio, testemunho e reparação. Brasília: Instituto Projetos Terapêuticos, 2015. p. 1-200. Disponível em: <https://biblioteca.corteidh.or.cr/tablas/r34639.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2022.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. Revista Digital do LAV, 7(2), 066-077. 2014. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/1983734815111>

EDUARDO PASSOS (Porto Alegre) (org.). Pistas do método da cartografia:: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Meridional, 2009.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 1977.

GOMES, Bárbara dos Santos. ENCONTROS ANTIMANICOLONIAIS NAS TRILHAS DESFORMATIVAS. 2019. 44 f. Monografia (Especialização) - Curso de Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

GUERRA, Andréa Maris Campos. Oficinas em Saúde Mental: Percurso de uma História, Fundamentos de uma Prática. In Oficinas Terapêuticas em Saúde Mental - Sujeito, Produção e Cidadania. Rio de Janeiro: Contracapa, 2004.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e os ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. In: Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 29, n. 1, jan./jun, 2004, p. 27-43.

LOBOSQUE, Ana Marta e ABOUYD, Míriam. "A cidade e a loucura: entrelaces". CAMPOS, César Rodrigues (org.). Sistema Único de Saúde em Belo Horizonte: reescrevendo o público. São Paulo, Xamã, 1998, p. 243-264.

MARTINS, Beatriz Adura. Ode à crueldade, ou arte para pensar a desinstitucionalização. 2009. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. Disponível em: https://app.uff.br/slab/uploads/Ode_%C3%A0_Crueldade,_ou_arte_para_pensar_a_desinstitucionaliza%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 12 mar. 2022.

PELBART, Peter Pál. A nau do tempo-rei - Sete ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PELBART, Peter Pál. O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento = Cartography of exhaustion: nihilism inside out. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

ROLNIK, Suely. Clínica Nômade. In: Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa (Org.) Crise e cidade: acompanhamento terapêutico. São Paulo: Educ, 1997.

SANTOS, Aline Veiga dos; CHAVES, Vera Lúcia Jacob; PAIXÃO, Divaneide Lira Lima. O jogo político do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) (2010-2016).

Revista Brasileira de Educação, [S.L.], v. 26, n. 1, p. 1-22, 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782021260046>.

SILVEIRA, Ricardo Wagner Machado da. Relação entre acompanhante e acompanhado: reflexões acerca do dispositivo amizade-clínica. *Fractal: Revista de Psicologia*, 28(3), 2016, p. 333-340.

MOSCHEN, Simone. Entre. *Revista Psicanálise: invenção e intervenção*, Porto Alegre, v. 41-42, n. 1, p. 2-272, 2012. Semestral.